



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

RELAÇÕES DIALÓGICAS E AXIOLÓGICAS NO DISCURSO DE PAULO DE TARSO AOS CORÍNTIOS: O CORPO COMO TABERNÁCULO ¹



DIALOGICAL AND AXIOLOGICAL RELATIONSHIPS IN PAULO DE TARSO'S SPEECH TO THE CORINTHIANS: THE BODY AS TABERNACLE

Wilder Kleber Fernandes de SANTANA
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Marcus Vinícius da SILVA
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Ewerton Lucas de Mélo MARQUES
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 01/07/2020 • APROVADO EM 08/10/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2608>

Resumo

No âmbito do pensamento de Bakhtin, a linguagem consiste em uma atividade essencialmente social e heterogênea, que se apresenta perante os sujeitos da enunciação de forma multifacetada. Numa perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, este estudo objetiva analisar as relações dialógicas e axiológicas na exposição oral de Paulo de Tarso sobre o Tabernáculo (ou templo) como corpo, em seu discurso sobre o novo homem, em sua segunda carta aos Coríntios. Assim, é preciso averiguar como o posicionamento axiológico de Paulo se estabelece em situações sociocomunicativas orais do uso da língua. O *corpus* constitui-se de 4 (quatro) versículos bíblicos (II Cor. 5. 1-4) relatados por Paulo. A versão bíblica que se adotou como suporte e referência para a composição deste trabalho foi a Bíblia de Jerusalém, cuja tradução foi realizada direto dos textos originais (hebraico e grego). A base teórica que subsidia o nosso trabalho ganha concretude na Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2006), que reinsere no campo das produções filosófico-científicas a teoria formulada por Bakhtin (2006, 2010, 2012), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]). A análise evidencia que o discurso paulino sobre o corpo efetiva um processo de constituição intersubjetiva entre coríntios e hebreus.

Abstract

In the scope of Bakhtin's thought, language consists of an essentially social and heterogeneous activity, which presents itself to the subjects of the enunciation in a multifaceted way. From an enunciative-discursive perspective of language, this study aims to analyze the dialogical and axiological relations in Paulo de Tarso's oral exposition on the Tabernacle (or temple) as a body, in his speech about the new man, in his second letter to the Corinthians. Thus, it is necessary to find out how Paulo's axiological position is established in oral socio-communicative situations of the use of language. The data consists of 4 (four) biblical verses (II Cor. 5. 1-4) reported by Paulo. The biblical version adopted as a support and reference for the composition of this work was the Jerusalem Bible, which was translated directly from the original texts (Hebrew and Greek). The theoretical basis that subsidizes our work gains concreteness in Dialogic Discourse Analysis (BRAIT, 2006), which reinserted the theory formulated by Bakhtin (2006, 2010, 2012), Medviédev (2016 [1928]) in the field of philosophical-scientific productions and Volóchinov (2017 [1929]). The analysis shows that the Pauline discourse on the body effects a process of intersubjective constitution between the Corinthians and the Hebrews.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Relações axio(dia)lógicas. Discurso religioso. Tabernáculo.

KEYWORDS: Logical axio (day) relations. Religious discourse. Tabernacle.

Texto integral

O presente manuscrito, desenvolvido sob horizonte da Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD², utiliza como categoria bakhtiniana as *relações*

dialógicas, classificadas como relações de sentido que se estabelecem entre enunciados (SANTANA, 2019), a partir do momento em que ocorre diálogo – interação – entre sujeitos e/ou discursos.

Nesse sentido, “o dialogismo, na perspectiva dos integrantes do Círculo, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real” (SANTANA; FRANCELINO, 2018, p. 237). Recorre-se, portanto, aos pressupostos teórico-metodológicos de Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e Pável N. Medviédev (1891-1938), integrantes do Círculo de Bakhtin, para fundamentação e desenvolvimento da análise, norteando-se pelas relações dialógicas interdiscursivas. Concordamos com Brait (2017) sobre o fato de que estes pensadores “têm oferecido e motivado abundantes e significativas discussões - de caráter filosófico, estético, teórico-literário, linguístico, enunciativo, discursivo, dentre outros – em torno da linguagem em relação direta com a vida, com a sociedade, com a cultura” (BRAIT, 2017, p. 7). Essa concepção de linguagem é centrada nos interlocutores, apresentando seu caráter responsivo-ativo no ato verbal em que o discurso é produzido, pois entendemos que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (VOLOCHÍNOV 2017 [1929], p. 209)³.

Em horizonte de pesquisas brasileiras, inserimo-nos no *hall* de produções que concretizam estudos dialógicos sobre a linguagem (ROHLING, 2014; BRAIT, 2017; HAMMES-RODRIGUES; ACOSTA PEREIRA, 2019; GERALDI, 2019) e especificamente sobre o discurso religioso (BELING, 2017; DALLA-DEA, 2017; FRANCELINO, COSTA & SANTANA, 2019).

Quanto às problematizações iniciais que nos impulsionaram à pesquisa, verificamos que o sujeito-autor Paulo de Tarso, ao utilizar-se de estratégias linguístico-enunciativas, em seu discurso, arquiteta-o de forma pluridimensional, optando por alcançar o seu *público ouvinte* de forma interativa, recuperando enunciados que fazem parte do sistema político-ideológico-cultural daquela massa social, despertando seu interesse e posicionando-se de maneira firme perante os mesmos. Assim, considera-se que o sujeito formula suas enunciações de forma plural, heterogênea, e, ao utilizar a linguagem, estabelecem-se diversas relações axio(dia)lógicas (SANTANA, 2019a). Nossa análise busca alcançar dois atos principais: responder a discursos anteriores (complementando-os) e servir de resposta para outros trabalhos (suscitando a curiosidade científico-filosófica) que privilegiem os gêneros discursivos orais.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as relações dialógicas e axiológicas na exposição oral de Paulo de Tarso sobre o tabernáculo (ou templo) como corpo, em seu discurso sobre o novo homem, em sua segunda carta aos Coríntios. Para realização do estudo, procuramos delimitar como objetivos específicos: a) identificar, na materialidade linguística, as estratégias enunciativas criadas pelo sujeito para reacentuar o discurso mosaico do tabernáculo material **e**; b) analisar como o posicionamento axiológico de Paulo no discurso do tabernáculo como corpo se estabelece em sua exposição oral. Quanto ao *corpus*, constitui-se de 4 (quatro) versículos bíblicos relatados por Paulo em sua segunda carta à Igreja de Corinto (II Cor. 5. 1-4). A versão bíblica que se adotou como suporte e referência para a composição deste trabalho foi a *Bíblia de Jerusalém*⁴ (2002), cujos direitos

são certificados pela *Paulus Editora*. Nesta *Nova Edição Revista e Ampliada*, a tradução foi realizada diretamente dos textos originais (hebraico e grego).

Em termos estruturais, este trabalho está dividido em duas seções. A primeira é intitulada “Relações dialógicas e axiológicas: na esteira de Bakhtin e o círculo” e tece discussões teóricas que fundamentam o pensamento de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, no escopo do dialogismo e da interação. A segunda seção, “O corpo como tabernáculo: uma análise dialógico-axiológica” compreende a análise, em que reenunciamos o discurso do tabernáculo a partir da exposição oral de Paulo de Tarso em sua segunda carta à Igreja de Corinto (II Cor. 5. 1-4).

RELAÇÕES DIALÓGICAS E AXIOLÓGICAS: NA ESTEIRA DE BAKHTIN E O CÍRCULO

À luz da ADD, torna-se nos perceptível que os sujeitos se instituem em uma esfera saturada de discursos/enunciados, o que pressupõe que nenhuma palavra se torna inaugural, a não ser a palavra mítica adâmica (BAKHTIN, 2010 [1930-34]). É nesses desdobramentos que a natureza dialógica da linguagem, como definição teórica, desempenha papel importantíssimo nas obras de Bakhtin e do Círculo (BRAIT, 2017). O dialogismo, na perspectiva dos integrantes do Círculo, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real. Segundo Bakhtin ([1979] 2006e), não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (BAKHTIN, ([1979] 2006e, p. 410); “Não há palavras nem sentidos absolutamente mortos: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, ([1979] 2006e, p. 410).

Bakhtin formula o conceito de relações dialógicas à medida que reflete sobre o conceito de língua, não apenas entendida como nos moldes da linguística saussuriana, mas a língua compreendida como discurso, isto é, como “[...] fenômeno integral concreto” (BAKHTIN, 2005, p. 209). Nesse direcionamento, segundo Bakhtin, em *O discurso em Dostoiévski*, as relações dialógicas são extralinguísticas, ou seja, elas se estabelecem intersubjetivamente, transcendendo as particularidades sintático-semânticas da língua. Conforme Brait (2005), em *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*, a abordagem dialógica ganha respaldo “na busca da compreensão das formas de produção do sentido, de significação, e as diferentes maneiras de surpreender o funcionamento discursivo” (BRAIT, 2005, p. 87). Essa postura responsiva, ainda conforme a pesquisadora brasileira, impeliu Bakhtin na busca de uma estética e de uma ética da linguagem com elevado nível de sistematização, em que se reconhece como expoentes máximos, na literatura, Rabelais (1494-1553) e Dostoiévski (1821-1881).

Nessa corrente incessante de palavras – o que constitui uma interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) – os enunciados que mobilizamos vêm

carregados de ideologias, pontos de vista e tons axiológicos, além de serem únicos e irrepetíveis, do ponto de vista discursivo. Em *O método formal nos estudos literários* (2016 [1928]), Medviédev menciona que é impossível haver vestígios do teor ideológico caso haja separabilidade entre o processo cultural (meio socioideológico) e o objeto, ou entre sujeitos. Dito de outra forma, o teorismo não produz ideologia, produz apenas abstrações.

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete [...] Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 49-50).

Assim, entre um fenômeno ideológico e outro podemos perceber ressonâncias multivocais, ou seja, ainda que cada um tenha sua singularidade enquanto campo específico mantém contato com outras esferas de saber. Quando ao fenômeno do dialogismo, que se instaura por meio de discursos que não se prendem a diálogos face-a-face, afirma Bakhtin **que:**

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. (BAKHTIN, 2005, p. 209, destaques do autor).

[...]

o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada, caso esta não seja interpretada como palavra impessoal da língua, *mas como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvirmos nela a voz do outro*. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes [...]. (BAKHTIN, 2005, p. 210-11, **grifos nossos**).

É, justamente, a essa possibilidade de renovação que os estudos bakhtinianos denominam de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem. Tal concepção é chamada de dialógica porque circunscreve a linguagem (os discursos)

como fenômeno socio-ideológico cujos sentidos são produzidos por um processo de interconstituição (SANTANA, 2019b) e intersubjetividade, impulsionando a vivência de situações concretas no ativismo da linguagem. Em *Crítica da arte e estética geral*, Bakhtin (2010 [1924]) infere **que**:

Nenhum valor cultural, nenhum ponto de vista criador pode e deve permanecer no nível da simples manifestação, do fato puro de ordem psicológica e histórica; somente uma definição sistemática na unidade semântica da cultura superará o caráter factual do valor cultural. A autonomia da arte é baseada e garantida pela sua participação na unidade da cultura, tanto que a definição sistemática ocupa aqui um lugar não só singular, mas também indispensável e insubstituível (BAKHTIN, 2010 [1924], p. 16).

Em outros termos, conforme Santana (2019a), caso um objeto seja deslocado de sua realidade cultural, semântico-axiológica, este perderá seus valores, sua capacidade de produção de sentidos. Assevera Bakhtin, em seu escrito *Metodologia das ciências humanas*, que a compreensão ganha concretização e efetividade a partir do seu “desmembramento em atos particulares. Na compreensão efetiva, real e concreta, eles se fundem indissolivelmente em um processo único de compreensão, porém, cada ato particular tem autonomia semântica (de conteúdo) ideal e pode ser destacado do ato empírico concreto” (BAKHTIN, 2006e [1979], p.398). **É nesse direcionamento que há o alcance da “compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância)”** (BAKHTIN, 2006e [1979], p.398). A noção de relações dialógicas, portanto, está diretamente ligada à percepção da interação discursiva, discutida principalmente por Volóchinov ([1929] 2017), o qual, de acordo com Santana (2018), fundamenta-se na crítica sociológica ao formalismo russo para instaurar uma perspectiva de estudos pelo prisma da língua viva.

No que diz respeito especificamente à axiologia, conforme já explicitado em/por Menegassi & Cavalcanti (2018) e Santana (2018a; 2018b; 2019a), consiste em um fenômeno presentificado e discutido no bojo dos escritos de Bakhtin, tais como em *Para uma filosofia do ato responsável* (2010 [1920-24]), *O autor e o herói na atividade estética* (2006a [1979]) e *O todo temporal da personagem* (2006b [1979]). Compreende Bakhtin que viver é tomar posição axiológica em cada instante, ou seja, posicionar-se frente a valores, os quais se constituem sócio-historicamente. Atesta o crítico soviético que “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente” (BAKHTIN, 2006c [1979], p. 174) e, com isso, “efetuamos uma descrição fenomenológica da consciência axiológica a que tenho de mim mesmo e da que tenho do outro no acontecimento do existir” (BAKHTIN, 2006c [1979], p. 174).

No entanto, cabe explicitar que não é na dimensão ética – da vida – que se dão as condições de produção das relações axiológicas. É no nível estético – artístico –, especificamente em *O autor e o herói na atividade estética* (2006a [1979]), que Bakhtin formula o conceito de axiologia, concebendo-a como um

processamento de valoração do autor em relação à personagem. Ao incidir sobre os postulados de Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]) sobre as fronteiras entre a vida e a arte, compreende Santana que “não há como um objeto estético (artístico ou literário) ser deslocado de sua realidade cultural, semânticoaxiológica, pois perderá seus valores, sua trama dialógica, seus sentidos plurivocais” (SANTANA, 2018c, p. 173). Na ótica de Bakhtin:

Ninguém pode ocupar uma posição neutra em relação a mim e ao outro; o ponto de vista abstrato-cognitivo carece de um enfoque axiológico, a diretriz axiológica necessita que ocupemos uma posição singular no acontecimento único na existência, de que nos encarnemos (BAKHTIN, 2006b [1979], p. 117).

Nessa cadência de tomada de posições, na esfera ética (da vida humana), a constituição dos sujeitos se dá por meio de relações dialéticas e axiológicas, de forma que “por sua precisão e simplicidade, o diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva⁵” (BAKHTIN, 2006f [1979], p. 275). Na ótica de Faraco, “o outro (que não é simplesmente outra pessoa, mas uma pessoa diferente, um outro centro axiológico) baliza o meu agir responsável” (FARACO, 2010, p.150). A axiologia, nessa direcionalidade argumentativa, é circunscrita como elemento constitutivo da obra e das relações sociais (SANTANA, 2018b), em que o autor de uma obra ou o sujeito justapõe, por meio da responsabilidade, o(s) enunciado(s) endereçado(s) a seu(s) outro(s).

Essa dimensão, axiologicamente valorativa, ganha concretude na língua viva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) e é instituída pelo produtor e problematizada por seus interlocutores “Devido à capacidade de modificar um único enunciado, dando várias significações, a entoação é considerada criativamente produtiva nos seus aspectos sociais e discursivos” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p. 440). Foi inserindo-se nessa gradativa proliferação de discussões em torno do sujeito e da linguagem, que Santana (2018b) formulou a categoria *Relações axio(dia)lógicas*.

Diante de tais considerações, passemos à próxima seção, em que é realizada uma análise dialógico-axiológica da exposição oral de Paulo de Tarso sobre o Tabernáculo (ou templo) como corpo, em seu discurso sobre o novo homem, em sua segunda carta aos Coríntios.

O CORPO COMO TABERNÁCULO: UMA ANÁLISE DIALÓGICO-AXIOLÓGICA

A primeira carta escrita aos Coríntios consiste na explicitação doutrinária da vida e da conduta cristã, ou seja, um discurso sobre o comportamento que a Igreja de Corinto deveria assumir em meio à proliferação de outros ensinamentos não cristãos. Esta escritura se perfaz como uma réplica a uma carta que questionava certas doutrinas (I Cor. 7.1; 8.1-13). Quando se reporta, por segunda vez, aos Coríntios, Paulo endereça palavras de consolo aos que se arrependeram

após receberem suas correções e repreensões na primeira [epístola \(II Cor. 1, 2-17\)](#), [assim](#) como os instrui sobre aperfeiçoamento no amor em Deus (I Cor. 7). Há, ainda, em seu discurso, advertência àqueles que desobedeciam ao sistema oficial cristão (II Cor. 12. 19-13.14).

A presente seção consiste na análise do *corpus*, que compreende 4 (quatro) versículos bíblicos registrados por Paulo em sua segunda carta aos Coríntios, especificamente a mensagem discorrida entre os versos um e quatro do quinto capítulo (II Cor. 5. 1-4). Desde o capítulo três, Paulo vinha apresentando instruções sobre os diversos ministérios presentes na Igreja, em que estavam sendo contrapostos, especificamente, dois: um ministério de condenação seria excedido por um ministério de justiça (II Cor 3, 9-18; 4, 1-18). Nos momentos finais do capítulo quatro, em que o orador da cidade de Tarso também explanou, antiteticamente, conceitos de homem interior e homem exterior (II Cor 4, 16), assim como a percepção metafórica de morte e de vida (II Cor 4, 11-12). Nesse sentido, o capítulo cinco não é independente dos postulados que o antecedem, mas é interrelacionado a esses, e suas palavras iniciais consistem em um *continuum* da exposição paulina sobre a esperança que se deveria ter após a morte do corpo. Discorre, então, Paulo:

Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida (II Cor 5. 1-4).

Através de uma alegoria, Paulo está endereçando um enunciado aos Coríntios por meio do qual o corpo humano é compreendido como tabernáculo. Caso esse tabernáculo viesse a se desfazer, seria necessário que aqueles interlocutores tivessem esperança em um futuro ao lado de Deus. A palavra tabernáculo, do grego, advém do termo *skene*, que remete para tenda, barraca ou habitação para os hebreus, nas entrelinhas do Antigo Testamento. O entendimento primeiro que se tem é que, em continuidade a um discurso que vinha sendo discorrido sobre os sofrimentos humanos e a esperança em uma condição espiritual melhor após a morte, Paulo tenta trazer esperança àquelas pessoas de dias melhores, reforçando a ideia de que todo o sofrimento sentido nesse plano temporal terrestre iria ser desfeito após a morte.

No entanto, para que identifiquemos as relações dialógicas e axiológicas estabelecidas por Paulo em seu enunciado, cabe-nos investigar duas questões principais: *a significação de tabernáculo nos relatos veterotestamentários e como essa apropriação do discurso de outrem (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) ganha sentidos plurais na voz paulina.* Em outras palavras, vislumbramos os deslocamentos semânticos operados pelo emissor da carta, ao verificar as

condições de produção do seu discurso, e por isso visitamos as entrelinhas do Antigo Testamento Bíblico.

A remissão a fatores históricos e discursivos se faz imprescindível para a compreensão das relações dialógicas e axiológicas porque no esteio dos integrantes do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2006 [1979]; MEDVIÉDEV, 2016 [1928]; VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), a linguagem é viva, real, ideologicamente preenchida. Nesse prisma de compreensão, Volóchinov (2017 [1929]) empreende que esta linguagem não se apresenta aos sujeitos da enunciação como sistema abstrato de formas linguísticas, mas como uma espécie de ativismo. No momento em que o locutor, no caso Paulo de Tarso, faz uso da língua para suas necessidades enunciativas concretas, os elementos formais linguísticos não são evidenciados como protagonistas, tal como propunham as escolas do formalismo russo. Em âmbito discursivo, Bakhtin atesta que os discursos ganham significação e **novos sentidos na medida** em que adentram nas relações sociais concretas (BAKHTIN, 2006 [1979]).

Assim, as narrativas de Moisés, especificamente a partir do que se está escrito em *Êxodo* (25-31 e 35-40), constroem o Tabernáculo (em hebraico: מִשְׁכָּן, *mishkan*, *residência ou habitação*), como a habitação terrestre de Deus para a nação de Israel, que consistia em um grupo escolhido por Deus, aqueles que obedeciam a sua voz (MACDONALD, 2008). Sua estrutura era constituída de camadas de cortinas, juntamente com 48 placas revestidas com ouro polido. Moisés descreve a existência de um santuário interior (Êx 25. 8), denominado de Santo dos Santos. Este lugar sagrado protegia a Arca da Aliança, que era acobertada **por um véu. O referido véu era suspenso** por quatro pilares e uma câmara externa, o *Lugar Santo* (Êx 25-30) (VINE; UNGER, 2013).

O tabernáculo é apresentado de diversas maneiras em escritos bíblicos veterotestamentários, o que pode ser comprovado pelos registros de Moisés e de **Samuel, em Levítico 23:34**: “Fala aos filhos de Israel, dizendo: Aos quinze dias deste mês sétimo será a festa dos tabernáculos ao Senhor por sete dias”; **Deuteronômio 16:13**: “A festa dos tabernáculos celebrarás sete dias, quando tiveres colhido da tua eira e do teu lagar” e no Segundo livro das Crônicas 8, 13: “E isto segundo a ordem de cada dia, fazendo ofertas conforme o mandamento de Moisés, nos sábados, nas **luas novas e, nas solenidades**, três vezes no ano; na festa dos pães ázimos, na festa das semanas, e na festa das tendas” (2 Crônicas 8:13). O modo como Paulo constrói seu discurso se torna fundamental para a pavimentação da doutrina judaico-cristã, uma vez que, **segundo Volóchinov**:

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum

entre o falante e o interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.205).

Nesse prisma interpretativo, a significação do tabernáculo está condicionada à habitação material de Deus na terra, um lugar sagrado delimitado para acolher rituais sacerdotais e conduzir a nação escolhida por Deus como povo santo, conforme Levítico 20. 24, 26 (VINE; UNGER, 2013; CHAMPLIN, 2014). Feitas essas explanações de caráter histórico, torna-se nítido que Paulo de Tarso, em seu discurso, estabelece, inicialmente, *relações axio(dia)lógicas de concordância e atualização discursiva* em relação a um povo escolhido para ser santo (Êx 19. 6; Lv 20. 24, 26 Dt 7. 6; Dt 14. 2, 21). Na medida em que interpreta o corpo como tabernáculo, na carta aos coríntios, o orador não fala de qualquer corpo, mas refere-se às pessoas escolhidas, corpos que estão sob regime de obediência às leis instituídas no bojo de ensinamentos judaico-cristãos.

A alegoria consiste em afirmar para a Igreja que estava localizada em Corinto que, por se tratarem de corpos em santidade, não deveriam temer o porvir, pois esse traria consigo, por vontade de Deus, “um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (II Cor 5. 1). Na ótica de Paulo, ao explicar “Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”, um corpo como tabernáculo seria um corpo preparado para morada de Deus, aquelas pessoas que abrigavam dentro de si, a presença do divino, conforme postulado, também, em sua primeira carta aos coríntios: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (I Cor 3.16) e “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (I Cor 6. 19-20).

Tais argumentações também são partilhadas e defendidas por outros expoentes da doutrina cristã no Novo Testamento, como Pedro, o qual afirma à Igreja primitiva: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (I Pe 2. 9) e Lucas que, ao falar sobre a injustiça, afirma: “E eu vos digo: granjeai amigos com as riquezas da injustiça, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos” (Lucas 16. 9). Nesse sentido, averiguam-se relações axio(dia)lógicas de concordância, pois os sujeitos adentram à mesma perspectiva semântico-axiológica na expoência de seus discursos. Ao lançarmos olhares axiológicos sobre o processo de legitimidade discursiva ativa de Paulo e constituição do sujeito como tabernáculo, compreendemos que essa teoria dialógica:

[...] estabelece uma série de inter-relações complexas, consonantes e heterossonantes como o objeto da interpretação, enriquece-o com novos elementos. É exatamente essa

interpretação que o falante leva em conta. Por isso sua diretriz centrada no ouvinte é uma diretriz centrada num horizonte especial, no universo especial do ouvinte, insere elementos absolutamente novos em seu discurso; porque aí ocorre uma interação de diferentes contextos, de diferentes pontos de vista, de diferentes horizontes, de diferentes sistemas expressivoacentuais, de diferentes “línguas” sociais (BAKHTIN, 2015, p. 55).

Na segunda parte o primeiro versículo paulino “E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu” (II Cor 5.1), o enunciador constrói expectativas sobre um futuro no céu, e esse porvir superaria os sofrimentos acometidos na terra, o que está em concordância com a explicitação do autor da carta aos Hebreus, que atesta a existência de um outro tabernáculo mais qualificado que aquele descrito por Moisés em Êxodo (Hb 8; 9) (HAWTHORNE ET AL, 2008; CHAMPLIN, 2014).

A segunda parte de seu primeiro **enunciado “temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”**, conforme Hawthorne et al (2008), tais afirmações sugerem a familiaridade paulina com a tradição cristã primitiva, pois quando Jesus falava da destruição deste “templo” estava se referindo ao “seu corpo” (Jo 2,18-22). Assevera Paulo para seu público, nessa primeira parte de seu discurso que “[...] **também** nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida” (II Cor 5. 1-4). Aqui constatamos relações axio(dia)lógicas de atualização discursiva, uma vez que o apóstolo Paulo, por meio de interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), não apenas resgata uma concepção de tabernáculo construída por Moisés nos livros em que foram instituídas as leis levíticas, mas também presta novos horizontes de atualização, por meio de simbolismos e alegoria.

Conclui, então, o orador convertido à doutrina cristã, afirmando: “Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida” (II Cor 5. 1-4). Nesse momento, Paulo argumenta que essas pessoas – esses corpos - que vivem em santidade (e por esse motivo são comparadas a um tabernáculo) sofrem, mas carregam esse sofrimento com esperança de não tê-los em um tempo vindouro, justamente porque têm fé em uma vida ao lado de Jesus Cristo. Não estariam despidos, mas revestidos de justiça, conforme outrora enunciou o profeta Isaías (Is 46) e outrora evidenciado em uma das cartas de Paulo aos Efésios, **capítulo seis, verso catorze** (MACDONALD, 2008; HAWTHORNE ET AL, 2008; CHAMPLIN, 2014).

Com isso, podemos compreender que os posicionamentos axiológicos assumidos por Paulo em suas enunciações são de movimentos discursivos em defesa da doutrina judaico-cristã, inserindo em suas argumentações enunciados que constituem o sistema político-ideológico-cultural daquela massa social, despertando seu interesse e posicionando-se de maneira firme **perante os fariseus**.

Desse modo, reenuncia um discurso da vida ao [lado de Cristo](#), por meio de alegoria em relação ao corpo humano, esse compreendido como tabernáculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do presente manuscrito foi possível compreender a existência de relações axio(dia) dialógicas no âmbito do discurso religioso bíblico, especificamente no quinto capítulo da segunda carta de Paulo à Igreja de Corinto. Tais interrelações entre os enunciados consistem em relações de sentido que se estabelecem entre a voz paulina e outras vozes, as quais se instauram sócio-historicamente.

O estudo da linguagem sob as lentes da ADD nos coloca em lugar social que propicia o desenvolvimento de diferentes pontos de vista, neste caso, direcionadas à ampla temática do discurso bíblico. Realizar análises tendo em vista relações dialógicas e axiológicas têm potencializado estudos em diversas esferas de saber, pavimentando o terreno para a edificação de diferentes análises e abordagens.

Esperamos, com esse nosso ato investigativo, contribuir para nortear posicionamentos ativos de cientistas da linguagem, para que estes possam problematizar e produzir atitudes responsivas ativas (BAKHTIN, 2003). Por fim, esclarecemos que nossa voz não é única nem acabada, mas se insere nessa grande rede de enunciabilidades sobre discursos e suas reinterpretações.

Notas

¹ Em suas proposições teórico-metodológicas, esta pesquisa se amplifica a partir de em um recorte da dissertação intitulada *Relações axio(dia)lógicas na arquitetônica do discurso de Jesus sobre o pão da vida*, de autoria de Wilder Kleber Fernandes de Santana, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

² Conforme outrora apontado por Rohling (2014) e Santana (2019), o termo Análise Dialógica do Discurso (ADD) é cunhado, no âmbito dos estudos em terreno brasileiro, por Beth Brait (2006) para circunscrever um campo teórico-metodológico dos estudos dialógicos na medida em que reflete sobre os estudos de Bakhtin e o Círculo. Desse modo, em texto intitulado *Análise e Teoria do Discurso*, Brait assevera que: “Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que o fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas” (BRAIT, 2006, p.10).

³ Em escritos intitulados *Explorando as multifaces da palavra: sobre a emergência de ultrapassar o teoreticismo e o imanentismo na/da linguagem* (2019) e *Uma seiva dialógica?* (2019), Santana empreende estudos que constata a natureza dialógica enquanto dimensão

constitutiva do existir humano, contornado por *efeitos de verdadeiro* na medida em que os o ato de existir é instaurado no *a posteriori*. Ainda nesse último estudo, o pesquisador se reporta a Buber (1982), para quem “Os domínios da vida dialógica e da vida monológica não coincidem com os do diálogo e do monólogo, mesmo se nestes incluímos suas formas sem som e sem gesto. Não existem somente grandes esferas da vida dialógica que na sua aparência não são diálogo, mas existe também o diálogo que não é diálogo enquanto forma de vida, isto é, que tem a aparência de um diálogo, mas não a sua essência. Aliás, parece, às vezes, que esta última espécie é a única que ainda existe. A vida dialógica não é uma vida em que se tem muito a ver com os homens, mas é uma vida em que, quando se tem a ver com os homens, faz-se isto de uma forma verdadeira. O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço; é somente entre pessoas que ele se realiza” (BUBER, 1982, p. 53-54).

4 Em 1973, a Paulus Editora (outrora Edições Paulinas), empreendeu o exercício de traduzir, para o público brasileiro, a versão *Bíblia de Jerusalém*, considerada em diversos países a melhor edição desta escritura. Exegetas católicos e protestantes passaram três anos em trabalho intensivo de revisão, e primeiramente foi concretizada a tradução do Novo Testamento. Em termos semântico-discursivos, a versão *Bíblia de Jerusalém* contém algumas expressões presentes no evangelho de João, especificamente o capítulo seis, que se tornam essenciais para que se compreenda a autoridade com que se revestiu Jesus em suas enunciações/réplicas, a exemplo de: “Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até a vida eterna” (6.27); “A obra de Deus é que creiais naquele que ele enviou” (6.29); “Eu, porém, vos disse: vós me vedes, mas não credes.” (6.36)”.

5 Importa esclarecer que o fenômeno axiológico não se dá apenas por uma percepção explícita do enunciado, mas sobretudo por sua parte extraverbal. Assevera Volóchinov (2019 [1926]) em *A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica*, que o enunciado também é formado por uma dimensão extraverbal, que corresponde ao que não foi dito/apresentado explicitamente, o que, na ótica de Geraldini (1997) consistiria em uma situação histórico-social correspondente ao espaço no qual a interação ocorre.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª edição, revista. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2005 [1963], p. 207-310.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a [1979]. p.3-20.

BAKHTIN, Mikhail. O todo temporal da personagem. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b [1979]. p.91-126.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do autor. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006c [1979]. p. 173-194.

BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b [1979], p. 337-358.

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006c [1979]. p. 393-410.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-24].

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I. A estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. [1934-1935].

BELING, Éder. O discurso religioso: a prédica como viva voz do evangelho no contexto evangélico-luterano. In: FRANCELINO, P.F; COSTA, J.C (Orgs.). *Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

BÍBLIA SAGRADA (Bíblia de Jerusalém). Tradução do texto em Língua Portuguesa diretamente dos originais. Nova Edição Revista e Ampliada. 1ª edição. Paulus Editora, São Paulo, 2002.

BRAIT, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

BRAIT, Beth. A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem. *Bakhtiniana*, São Paulo, V. 12, n. 2, p. 5-23, 2017.

BUBER, M. *Do diálogo e do dialógico*. Perspectiva, 2006 [1982].

CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia*. Vol. 3. 12ª edição. Direitos de tradução reservados à Editora Hagnos. São Paulo, 2014.

DALLA-DÉA, Paulo. Sobre a Linguagem religiosa da tatuagem. In: FRANCELINO, P.F; COSTA, J.C (Orgs.). *Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

FRANCELINO, Pedro Farias (Org). *Teoria dialógica do discurso: exercícios de reflexão e de análise*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

FRANCELINO, Pedro Farias; COSTA, Julia Cristina de Lima; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Ressonâncias filosófico-religiosas no discurso do apóstolo Paulo em Atenas: uma análise dialógico-discursiva. In: Francelino et al. (Orgs). *Bakhtin e o círculo em fronteiras do discurso*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. p.19-38.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HAMMES-RODRIGUES, Rosangela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Apresentação. In: HAMMES-RODRIGUES, Rosangela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo (Orgs). *Estudos dialógicos da linguagem e pesquisa em linguística aplicada*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 9-16.

HAWTHORNE, Gerald F. et al (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Tradução de Barbara Theorto Lambert. 2ª edição. São Paulo, Edições Loyola, 2008.

MACDONALD, William. *Comentário Bíblico Popular – Novo Testamento*. Trad. Poland et al. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MENEGASSI, R. J; CAVALCANTI, R. S. M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)*, v. 57, p. 433-449, 2013.

ROHLING, Nivea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. FRANCELINO, Pedro Farias. A representação linguístico-discursiva de Jesus Cristo em seu sermão sobre o cumprimento do amor a partir do evangelho segundo são Mateus. *Revista da Anpoll* v. 1, nº 45, Florianópolis, 2018, p. 233-247.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Relações dialógicas e axiológicas no gênero charge: o caso da propaganda eleitoral. *Linguagem em Foco*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. v. 10, nº 1, 2018a, p. 39-49.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Relações axio(dia)lógicas: nas fronteiras de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. v 4, nº 45, 2018b, p. 75-90.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos. In: PAIVA, F.J.O & SILVEIRA, E.L (Orgs). *O ensino na Educação Básica: Diálogos entre sujeitos, saberes e experiências docentes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018c, p. 170-185.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Uma seiva dialógica? In: SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. *Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação*. Vol. 1. Pessoa: Ideia, 2019a, p. 77-92.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. Explorando as multifaces da palavra: sobre a emergência de ultrapassar o teoreticismo e o imanentismo na/da linguagem. *RE-UNIR*, v. 6, nº 1, 2019b, p.65-80.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SPINOZA. *Tratado político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: M. Fontes, 2009 [1677].

VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR, William. *Dicionário Vine – o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Tradução de Luís Aron de Macedo. CPAD; Rio de Janeiro, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. A Interação Discursiva. In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017b [1929]. p. 201-226.

Para citar este artigo

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; SILVA, Marcus Vinícius da; MARQUES, Ewerton Lucas de Mélo. Relações dialógicas e axiológicas no discurso de Paulo de Tarso aos coríntios: o corpo como tabernáculo. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 1119-1134, set.-dez. 2020.

Wilder Kleber Fernandes de Santana é doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional (FTN) e Especialista em Gestão da Educação Municipal pelo PRADIME, na Universidade Federal da Paraíba. Atua como Representante Discente do Doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Gestão 2019-2020. É Membro-pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação (GPLEI-CNPQ).

Marcus Vinícius da Silva é doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Araraquara). Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Especialista em Leitura e Produção de Textos e graduado em Letras com dupla habilitação (Português-Espanhol, ambos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente, é Professor de Língua Portuguesa e Língua Espanhola da Carreira do Magistério Federal do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAp-UFRR).

Ewerton Lucas de Mélo Marques é graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).